

AS DIFICULDADES DA ORTOGRAFIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Ana Carolina de Medeiros Ferreira¹

Fernando Ferreira Francisco²

Nayara Alcantara³

Resumo

As dúvidas ortográficas sempre vão existir em situações ou circunstâncias diversas, dentro e fora do contexto escolar. Assim, é uma utopia pensar, desejar e acreditar que a escola, o ensino formal ensinarão a não escrever errado ou a não mais cometer erros ortográficos, entretanto, sendo a educação um processo que envolve transformações no sujeito que aprende, esse ensino pode assumir uma postura de novos sentidos e experiências para a vida dos aprendizes. O estudo tem como objetivo mostrar aos professores das séries iniciais que a aplicação das disciplinas em suas aulas de ortografia e escrita poderá levar seus alunos a produzirem textos reduzindo erros ortográficos. Por meio da metodologia quantitativa de pesquisa. Conclui-se que os educadores não devem apenas apontar os equívocos e sim abrir reflexões sobre os erros ortográficos cometidos pelas crianças no período de alfabetização a fim de realizar o ensino crítico da ortografia.

Palavras-chave: Ortografia. Ensino. Aquisição.

THE DIFFICULTIES OF SPELLING IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS

Abstract

Spelling doubts will always exist in different situations or circumstances, inside and outside the school context. Thus, it is a utopia to think, desire and believe that school, formal education will teach not to write wrong or to no longer make spelling mistakes, however, since education is a process that involves transformations in the subject who

¹Graduada em Letras pelo UGB/FERP.

²Graduado em Letras pelo UGB/FERP.

³Mestranda em Ensino pelo Centro Universitário de Volta Redonda. Especialista em Língua Portuguesa, Gestão e Docência Escolar e Gestão e Docência em Ensino Superior pelo UGB/FERP.

learns, this teaching can assume a posture of new meanings and experiences for the life of the apprentices. The study aims to show early grade teachers that the application of the disciplines in their spelling and writing classes can lead their students to produce texts by reducing spelling errors. Through the qualitative research methodology. It is concluded that educators should not only point out the mistakes, but open reflections on the spelling mistakes made by children in the literacy period in order to carry out the critical teaching of spelling.

Keywords: Orthography. Teaching. Acquisition.

Introdução

Sabe-se que não é um problema atual a dificuldade que os professores têm ao realizar a avaliação da aprendizagem de forma didática, considerando analisar o erro de forma crítica. Com isso, os alunos do Ensino Fundamental I encontram-se cada vez menos motivados para aprender a gramática da língua portuguesa, uma vez que os erros cometidos em sala de aula são apenas apontados, mas raramente explicados ou explorados.

Utilizando a metodologia quantitativa de pesquisa, o objetivo do artigo é que o professor possa refletir sobre os erros ortográficos cometidos pelo aluno, para que o educando também compreenda o erro, e assim tenha uma aprendizagem crítica da ortografia. Dessa forma, entende-se que para esses alunos desenvolvam a aprendizagem da ortografia de forma crítica, e não apenas decorando o que lhes é passado, se faz necessário um olhar diferenciado do professor. Por meio da ludicidade, a ortografia pode ser entendida, e não apenas decorada, fazendo com que haja entendimento da disciplina, além do aprendizado otimizado.

O ensino da ortografia sem contexto é sem dúvidas um problema social, o qual exploraremos no presente trabalho, além de transmitir aos graduandos de licenciatura e professores as formas não-mecânicas de ensinar a ortografia. Sendo assim, abre-se um questionamento a respeito de como o professor de Ensino Fundamental pode apontar os erros ortográficos de seus alunos, analisando a partir de um novo ponto de vista que leve em consideração a Fonética e a Fonologia, buscando melhorar a produção e a compreensão do aluno a respeito do que escreve.

Ortografia

A origem da palavra ortografia é grega e significa -*orthós* = certo, correto, exato; e -*grafia* = escrita, estabelecendo, portanto, padrões para a forma escrita correta das palavras. A ortografia da Língua Portuguesa Brasileira passou por muitas modificações até chegar às normas atuais, definidas pela Academia Brasileira de Letras, em 1943. Morais (1995, p.13) resume a evolução das prescrições ortográficas para o Português, entre os séculos XVI e o início do século XX. Com as publicações portuguesas, inicia-se uma caminhada para a definição das normas gráficas. A reforma definida em Portugal, em 1911, representa a primeira fixação ortográfica, embora não tenha ainda surgido uma unificação entre os dois países (nem ela tenha sido aceita no Brasil) o que manteve as grafias antigas até 1943. Morais (1995) relata em seu curto histórico uma redefinição na normativa brasileira com relação ao emprego de certos diacríticos (trema e os acentos grave, circunflexo e agudo), eliminando o seu uso para diferenciar palavras homófonas.

É de conhecimento geral que a ortografia é a parte da gramática de uma língua responsável pela grafia correta das palavras e naturalmente ao decorrer do tempo são feitas algumas mudanças necessárias, por isso devemos atermos e adequarmos em conformidade as essas alterações, uma vez que um dos objetivos da ortografia é unificar a língua. Levando isso consideração, podemos compreender que as modificações das regras gramaticais, falando-se em específico da ortografia, é um processo natural e preciso não só para a língua portuguesa como também para qualquer outra língua. Para Chomsky (1965), gramatical é “tudo que é bem formado e aceitável. Tudo que não rompe com a estrutura da língua”. Segundo o professor Evanildo Bechara:

O sistema de representação convencional de uma língua na sua vertente escrita. [...] Como esse sistema não deve ser entendido como a só representação da fala, não pode ter como guia exclusivo a fonética, nem tampouco a etimologia, isto é, a origem das palavras. Toda língua de cultura que adotar exclusivamente um desses critérios perderá, entre outras, a possibilidade de distinguir palavras homófonas (coser e cozer), o que promoveria o caos na língua. [...] A língua portuguesa, como ocorre com qualquer outra, conheceu diversas

propostas ortográficas até chegar à atual de 1990, comum a todos os países integrantes do grupo lusófono, explicitadas as pequenas diferenças fonéticas existentes entre eles. Como nos ensinou Bréal, quando uma língua se espraia por vasto território, é a língua escrita que lhe garante a unidade essencial. (BECHARA, E. 1999)

Outro autor que contribui para a temática é Silva (2009):

A ortografia age na parte gráfica e funcional da escrita. Por isso o ensino da ortografia deve acontecer desde as séries iniciais, onde os alunos aprendem a ler escrever e falar de uma maneira correta. A ortografia é um meio eficaz de aprender a ler, escrever e falar corretamente, e é de extrema importância enfatizá-la de uma forma mais intensa no ensino. (SILVA, 2009, p.20)

Erros que causam a dificuldade dos alunos na aprendizagem

Observamos nas escolas, principalmente de Ensino Público, que alunos de séries iniciais do Ensino Fundamental apresentam com frequência erros ortográficos que aparecem somente quando o usuário da escrita apresenta confusão diante de palavras que ele sabe que podem ser escritas com determinada letra ou com outra. Assim, percebemos que a criança, no ato de escrever, pensa e tenta ligar a letra de determinada palavra relacionando a grafia ao som produzido.

Para representar melhor tais dificuldades, analisamos dados de domínio público de alguns erros frequentes na escrita de crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública localizada em Zona Urbana. Chama-se Transcrição fonética o que ocorre quando erros de fala são refletidos na escrita, por exemplo escrever /i/ em vez de /e/ porque na fala se utiliza /i/ não /e/ (Ex.: pênalti - penalte). Também é frequente duas vogais em lugar de uma, pois na pronúncia é um ditongo. (ditongação) - Ex.: fais - faz. Aparece também nas pesquisas o erro que acontece quando uma vogal em lugar de duas, pois a pronúncia um monotongo. (motongação) Ex.: falo - falou

O erro chamado de uso indevido de letras acontece quando, para representação do som, utiliza-se da aproximação de uma letra. Exemplos: mursego, (morcego) dice (disse) enplicando (implicando) lanxe (lanche) exselentes (excelentes). Todos os erros detectados na pesquisa foram classificados com erros de transcrição fonética ou erros relacionados à questão de variação linguística. Devido ao *Corpus* restrito por motivos de tempo de pesquisa, acreditamos que possa haver outros tipos de erros.

Diante disso, podemos concluir que os erros cometidos pelos alunos estão relacionados com a cultura familiar, com o meio social, por se originarem de regiões geográficas diferentes ou, até mesmo, por não terem acesso aos meios que possibilitam contato com a leitura em casa. Moraes (2003) afirma que, para compreendermos a complexidade atual de qualquer norma ortográfica, precisamos ter em mente que as formas de realização da linguagem, oral ou escrita, são históricas e refletem os percursos dos povos que as utilizam.

Os erros dos professores e o desafio deles

O ensino da ortografia e suas atualizações são fundamentais para a aprendizagem dos alunos, pois eles têm dificuldades para aprender efetivamente a ortografia. Infelizmente, alguns professores têm negligenciado este problema quando se submetem a ensinar a ortografia de maneira metódica, o que conseqüentemente torna-se equivocada, pois é necessário criar diversas estratégias ao transferir o conhecimento para os alunos.

A maior problematização neste trabalho não está ligada diretamente nas dificuldades dos alunos em aprender a ortografia e sim sobre quais métodos os professores têm utilizado para reverter essa situação. Existem casos que os docentes apontam os erros dos alunos seja na descrição de um texto ou a forma correta da escrita de uma palavra, no entanto, não há um embasamento que explique tal erro, ou seja, o professor mostra o problema, mas não tem uma justificativa do porquê está errado, assim, os alunos vão perdendo o interesse de aprender a ortografia.

Segundo Morais (1999), na maioria das vezes, as escolas continuam não tendo metas que definam os avanços que esperam promover sobre conhecimentos ortográficos dos alunos. Para ele, nesse espaço, a ortografia continua sendo mais um objeto de avaliação, de verificação, que de ensino. O autor afirma que, em lugar de criar uma situação de ensino sistemático, a atitude de muitos educadores parece revelar mais uma preocupação em verificar se o aluno está escrevendo corretamente do que aprendendo de fato a escrever. Silveira (1986) afirma que a criança erra porque não conhece a representação ortográfica, porque se sente examinada e testada. Erra porque muitas vezes as atividades de escrita não têm significado para ela. Na perspectiva de Zorzi (2003):

Embora, de fato, possamos encontrar uma série de crianças com reais dificuldades de aprendizagem, elas correspondem, felizmente, a uma minoria. Por outro lado, e infelizmente, a grande maioria não aprende por falta de propostas e condições educacionais mais apropriadas, caracterizando o que podemos chamar de “pseudo” distúrbios de aprendizagem: projetam-se no aprendiz as deficiências do ensino. (ZORZI, 2003, p.78)

Em relação às regras contextuais, estudos como o de Morais (2003, 2005), Monteiro (2005), Leal & Roazzi (2005), Melo & Rego (1998) afirmam que quanto maior o nível de explicitação dos alunos a respeito das regularidades e restrições do sistema, melhor seu rendimento ortográfico. Através dessas explicitações, o professor consegue entender quais as hipóteses dos alunos ao escolher determinada grafia e dar a eles um retorno cognitivo que possibilita a reflexão e a aprendizagem. Morais (2003) afirma que algumas regras de memorização não garantem que o aluno as compreenda, pois elas vão garantir apenas que ele imitará o modelo certo. Cabral (2003) aborda que a principal causa dos fracos resultados obtidos na aprendizagem da escrita está na falta de uma sólida fundamentação por parte dos professores quanto aos processos de codificação e de decodificação.

O que pode ser feito para reverter esse quadro

A norma ortográfica da língua portuguesa é dotada de regularidades e irregularidades na relação entre letras e sons. Essa característica faz com que os professores tenham necessidade de um ensino mais sistemático, sendo importante o desempenho ortográfico de sua turma e as necessidades individuais de seus alunos, o que, associado às exigências da escolaridade do grupo, servirão como parâmetro para definir quais regras deverão ser ensinadas em sala de aula. Além de vários estudos, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997), já na década de 1990, apontavam algumas orientações para o ensino da ortografia que não se limitavam apenas ao processo de memorização.

A organização do trabalho pedagógico pode acontecer de diversas formas, e uma delas é o uso de Sequência Didática (SD). A SD pode ser compreendida, de modo geral, como um conjunto de atividades articuladas que são planejadas com a intenção de atingir determinado objetivo didático, que, no nosso caso específico, é a aprendizagem de regras ortográficas. Assim, as atividades propostas em um determinado momento são importantes para as atividades seguintes e apresentam um grau de progressão entre elas. Os modelos são flexíveis, e o tempo destinado a cada uma delas dependerá da dinâmica e das necessidades da turma.

Uma das características importantes da Sequência Didática é a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos. O professor sempre inicia as SD com atividades que levem os aprendizes a falarem sobre as hipóteses já construídas acerca de determinada regra, na maioria das vezes de forma coletiva. Por exemplo, uma criança, ao produzir um texto, pode escrever uma palavra ortograficamente incorreta, mas em situações em que seja convidada a pensar sobre a escrita daquela palavra poderá ser capaz não só de corrigi-la, como também de verbalizar a regra ortográfica violada no momento da produção espontânea.

Assim, criar situações que a criança possa pensar sobre a forma como se escreve pode ser um passo importante no domínio da regra.

Outra característica importante é o ensino centrado na problematização. Esse princípio pressupõe um estudante protagonista na construção de seu conhecimento. Nesse sentido, os conteúdos a serem ensinados – no nosso caso, as regras – não são apresentados ou transmitidos ao aluno em um primeiro momento, pois é o aprendiz que deverá chegar a conclusões importantes para sua aprendizagem. O professor é um mediador desse processo e vai oferecendo situações de conflito que possam levar o aluno a pensar sobre possíveis soluções.

Além disso, o Ensino reflexivo possui ênfase na verbalização, assim, A aprendizagem vai sendo gradativamente construída pelo aluno a partir das situações/atividades que são apresentadas a ele. O docente convida o aluno a pensar e falar sobre o que está pensando. Há na sequência didática ensino por meio de atividades diversificadas, desafiadoras e com possibilidades de progressão (das atividades mais simples às mais complexas). É importante estar atento à complexidade das atividades para evitar a falta de envolvimento do grupo por estar diante de atividades muito fáceis ou muito complexas. Além disso, é preciso estar atento à progressão dessas atividades, de modo a ampliar gradativamente as aprendizagens.

Mostraremos agora atividades de sequências didáticas que contribuem para o ensino da ortografia de forma reflexiva. A começar pelo uso do R/RR, que envolve um caso de regularidade contextual. O R pode aparecer em diferentes posições nas palavras e com sons variados. Assim, o som do /r/ pode ser encontrado na palavra "rosa", "honra" e "carro"; o som / r/ pode aparecer na palavra "arara", o som /r/ aparece na palavra "porta". Assim, a posição do R na palavra (início de palavra, após consoante, no início de sílaba, entre consoante e vogal ou entre vogais) e o som da letra definirão o uso do R/RR. As atividades desta sequência têm como objetivo chamar atenção dos alunos para esses dois aspectos (posição e som da letra). Como sugestão para os primeiros momentos de uma sequência didática com objetivo de diferenciar R e RR, haverá uma exploração dos sons por meio de trava-língua.

Figura 1. Ortografia: Ensino de ortografia: Sequências didáticas e jogos para o ensino fundamental, 2020.



Fonte: PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves

A partir das palavras selecionadas pela dupla/grupo, o professor irá estimular as crianças a pensarem se existe alguma regra que ajude a decidir se escreve com R ou com RR (dígrafo); pode-se também registrar em um quadro o conteúdo aprendido, e ainda registrar novas palavras com a mesma regra ortográfica descobertas pelos alunos.

A partir das atividades, o professor estimula as crianças a pensarem se existe alguma regra que ajude a decidir se escreve com R ou com RR (dígrafo); Para provocar a reflexão sobre a relação entre o R/RR e o som produzido e de registrar as hipóteses que as crianças têm sobre o uso do R em diferentes contextos, o professor solicita aos alunos a escrita de, no mínimo, 5 palavras em cada uma das colunas.

As atividades a seguir irão explorar o uso do AM/ÃO com o objetivo de explorar uma regularidade morfológica que envolve a necessidade de compreensão de tempo verbal. Nesse sentido, o estudante deverá compreender que a terminação ão é usada na 3ª pessoa do plural no futuro.

Para que ocorra a Sistematização do emprego do AM na 3ª pessoa do plural em verbos no pretérito do modo indicativo, o professor irá distribuir entre as turmas um pequeno texto, parágrafos ou frases com os verbos no pretérito do modo indicativo destacados. Como sugestão apresentamos o texto a seguir:

Quadro 1. Ensino de ortografia: Sequências didáticas e jogos para o ensino fundamental, 2020.

Sugestão:

O Porco-espinho

Durante a era glacial muitos animais morriam por causa do frio.

Os porcos-espinhos, percebendo a situação, resolveram se juntar em grupos, pois assim se agasalhavam e se protegiam mutuamente.

Mas havia um problema. É que os espinhos de cada um feriam os companheiros mais próximos, justamente os que ofereciam mais calor. Por isso, decidiram se afastar uns dos outros e voltaram a morrer congelados.

Então precisavam fazer uma escolha: ou desapareceriam da Terra ou aceitavam os espinhos dos companheiros.

Com sabedoria, decidiram voltar a ficar juntos. Aprenderam, assim, a conviver com as pequenas feridas que a relação com uma pessoa muito próxima podia causar, já que o mais importante era o calor do outro.

E assim sobreviveram...

Moral da História: O melhor relacionamento não é aquele que une pessoas perfeitas, mas aquele onde cada um aprende a conviver com os defeitos do outro e consegue admirar suas qualidades.

Fonte: PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves

Para a discussão sobre as informações do texto, haverá um Momento de provocar uma reflexão sobre os verbos selecionados e destacados no texto apontando a pessoa (3ª do plural) e o tempo. Algumas Sugestões de perguntas são: O texto fala sobre o quê? Essa história fala sobre algo que já aconteceu ou algo que vai acontecer? Como você sabe disso? Observe os verbos sublinhados no texto. Agora, pintem a última sílaba de todos eles. Como os verbos estão escritos?

O professor pode solicitar que reescrevam a frase abaixo passando para o tempo futuro; "E assim sobreviveram..." Sugestão de comando: Observem a frase copiada no quadro. Imaginem que o que está sendo narrado ainda vai acontecer.

Como ficaria a frase? (Esperar que as crianças respondam oralmente). Reescreva a frase destacada no tempo futuro, fazendo as adequações necessárias.

A partir da reescrita realizada pelas crianças, provoca-se a reflexão sobre a forma que escreveram. Esse é o momento de levar as crianças a refletirem sobre a mudança na estrutura verbal para destacar e informar se os acontecimentos estão no tempo passado ou futuro. Sugestão de perguntas: O que foi que vocês tiveram que mudar para que a frase ficasse no futuro? Como ficou a escrita? Comparando os verbos no texto com o que você escreveu agora, no futuro, qual a diferença na escrita? O professor pode, além disso, solicitar que os alunos escrevam com suas palavras o que é necessário para escrever os verbos no passado e no tempo futuro.

Para fixação das regras, sugere-se ao professor a confecção do quadro de regras, fixando uma cartolina no quadro da sala de aula e solicitar que duas ou três duplas criem um quadro explicando sobre o uso do AM e do ãO.

Ademais, o professor pode também solicitar às duplas seguintes que corrijam o que foi criado pelas primeiras duplas, comparando assim as hipóteses apontadas no início da atividade com a produção final das crianças com o grande grupo.

Considerações finais

Refletimos sobre a temática em pauta, podendo concluir que de fato as dificuldades dos alunos são reais e os professores não podem somente apontar os equívocos, mas refletir sobre os erros ortográficos cometidos pelas crianças no período de alfabetização e assim ensiná-las a se autocorrigir. É importante que o professor conheça os processos fonológicos para saber identificar bem o motivo de cada erro que a criança comete. Além disso, a ortografia nunca estará estagnada em uma só regra, sempre haverá modificações na língua e os professores devem estar atentos para essa questão auxiliando os alunos. É importante a atualização utilizando a estratégia que for preciso para o aprimoramento do conhecimento dos alunos.

Referências

BECHARA, E. (1999): **Moderna gramática portuguesa**. 37º edição, Rio de Janeiro, VHL.

MONTEIRO, Carolina Reias. **A Aprendizagem da Ortografia e o Uso de Estratégias Metacognitivas**. Rio Grande do Sul: UFP, 2008.

THAVARES, Maria Ângela José Simão; NUNES, Gisele da Paz. **O Ensino da Ortografia na Aquisição da Escrita**. Goiás: LUFG.

GUIMARÃES, Marisa Rosa. **Um Estudo sobre a Aquisição da Ortografia nas Séries Iniciais**. Rio Grande do Sul: UFP, 2005.

PAULINA, Iracy. **Gramática sem Decoreba**, 2005.
<https://novaescola.org.br/conteudo/2590/gramatica-sem-decoreba>

ARAUJO, Viviane Mattos de. **O Processo de Alfabetização na Visão Construtivista: 1º Ano do Ensino Fundamental I**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 05, Vol. 04, pp. 64-81.